

# SESSÕES DO PLENÁRIO

**53ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 07 de novembro de 2016.**

## **PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em Defesa da Vaquejada, proposta pelo meu querido amigo, deputado Eduardo Salles.

Convido para compor a Mesa o Sr. João Leão, meu querido amigo e vice-governador do Estado da Bahia; o Sr. Otto Alencar, meu querido amigo e senador; o Sr. Eduardo Salles, meu querido amigo e proponente desta sessão; o Sr. Cacá Leão, meu querido amigo e deputado federal; o Sr. Adolfo Viana, meu querido amigo e autor da lei que colocou a vaquejada como patrimônio imaterial; o Sr. Gika Lopes, deputado e coautor da sessão; o Sr. Isaac Carvalho, prefeito do município de Juazeiro, representando todos os prefeitos do Estado; o Sr. Valmir Veloso, presidente da ABV – Associação Baiana de Vaquejada; o Sr. Leonardo Abreu, presidente da Associação de Esportes Equestres; o Sr. Gilvan Vaqueiro, representando todos os vaqueiros; a Srª Fátima Nunes, representando todas as deputadas, e o Sr. Leur Lomanto Júnior, deputado e 1º secretário. (Palmas)

Registro as presenças dos deputados Luiz Augusto, Alex da Piatã, Jurandy Oliveira, Ivana Bastos e Carlos Geilson. (Palmas)

Neste momento, ouviremos a execução do Hino Nacional do Brasil.

(Execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Ouviremos a música de Adelmário Coelho.

(Execução da música de Adelmário Coelho.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Junior):- Concedo a palavra ao proponente da sessão, Eduardo Salles.

**O Sr. EDUARDO SALLES:-** Bom-dia a todos.

Quero inicialmente agradecer a presença de pessoas que, sem dúvida alguma, estão na nossa causa defendendo-a. E agradeço também as presenças de todos vocês.

Quero iniciar pelo nosso vice-governador João Leão, neste ato representando o governador do Estado, Rui Costa. Cumprimento o nosso senador Otto Alencar, baluarte da nossa defesa em Brasília; (palmas) o nosso presidente Marcelo Nilo

fazendo-lhe um agradecimento especial, pois em todos os momentos nos apoiou para que fizéssemos este movimento aqui nesta Casa; (palmas) o amigo, colega de partido e líder no Congresso Nacional em relação às questões do cavalo, ele que é um praticante dos esportes equestres, o nosso querido deputado federal que foi estadual neste Legislativo e hoje está lá em Brasília fazendo um grande trabalho, Cacá Leão; (palmas) os meus cumprimentos ao amigo deputado também coautor desta sessão, juntamente com o colega Alex da Piatã, presente com os deputados Adolfo Viana, Gika, Zó e vários outros parlamentares que estavam conosco no Distrito Federal nesta luta; O deputado Adolfo inclusive colocou a vaquejada como patrimônio imaterial. Foi o primeiro passo dado aqui na Bahia. Parabéns!

Quero igualmente cumprimentar e agradecer muito todo o empenho do nosso querido deputado vaqueiro Gika Lopes, uma pessoa que representa legitimamente Serrinha e a vaquejada da Bahia; (palmas) a nossa deputada sertaneja Fátima Nunes, que defende o sertão baiano. Cumprimento o nosso querido prefeito vaqueiro Isaac Carvalho, um dos que fez campanha com essa bandeira. É muito importante aqui a presença dele, que comanda a cidade de Juazeiro; e o nosso querido amigo Valmir Veloso.

Digo a vocês que tenho passado estes últimos tempos a cada dia, cada entrevista e cada debate, junto com Valmir Veloso, o nosso presidente da Associação Baiana de Vaquejada, muitas vezes vendo-o se emocionar. Outro dia estávamos juntos no Ministério Público, meu vice-governador João Leão. De uma hora para outra Valmir se emocionou falando sobre a vaquejada e começou a chorar, mas vindo do coração, porque ele sabe bem o que é esse esporte e essa nossa lida. Parabéns, Valmir!; (palmas) em nome de todos os esportes equestres, quero cumprimentar Leonardo Abreu, o presidente da ABCCPE, que nos ajudou muito naquele evento de ontem; e Gilvan vaqueiro, o nosso Gilvan locutor amigo, representando toda essa turma. Nesse domingo ele também estava presente.

Gente, continuando os nossos agradecimentos, agradeço primeiro a Deus por ter permitido a todos que vieram ontem de todos os cantos da Bahia participar da nossa mobilização retornar a seus lares com segurança. Depois, agradeço ao nosso presidente da Assembleia Legislativa, Marcelo Nilo, novamente dizendo que ele abre as portas desta Casa, que é democrática, para que nela nós possamos estar nesta segunda-feira defendendo os interesses da Bahia, a Bahia rural.

Quero agradecer de novo ao nosso presidente da ABV, Valmir Veloso, tudo que tem feito, pela dedicação, enfim, por todo esse amor e sendo o nosso líder nessa caminhada. Mais uma vez cumprimento Leonardo Abreu. Falei dele agora. E vou cumprimentar, em nome de toda a comissão organizadora da mobilização de ontem, Alexandre Berenguer, conhecido como “Barrão”, a quem peço uma salva de palmas, pois foi quem trabalhou para que tudo aquilo acontecesse nesse domingo. Ele arregaçou as mangas mesmo!

Os meus cumprimentos também a todo o meu gabinete, que não mediu esforços no feriado do Dia de Finados, no sábado e domingo! Todo mundo trabalhando por essa causa. Realmente agradeço muito a todos vocês do gabinete. (Palmas)

Por último, a todos vocês que foram àquela manifestação de ontem, uma manifestação linda na qual viemos mostrar às populações rural e urbana, aos formadores de opinião, aos juízes a importância de convivermos harmonicamente, o campo com a cidade. Através do senador Otto, que tem colocado isto claramente, é possível, sim, que a gente - tendo regras, normas, regulamentação - faça todos os esportes equestres conviverem em harmonia, mantendo os empregos. E que a população urbana respeite a rural sabendo que esta também tem os seus costumes, as suas tradições, mas as duas precisam conviver harmonicamente, sob pena de termos um desemprego em massa na zona rural e, com o consequente êxodo lá, virmos para as grandes cidades.

Quero colocar rapidamente quatro pontos: primeiro, estamos fazendo esta sessão aqui sobre todos os esportes equestres, e não falando especificamente da vaquejada. Falamos das bolinhas, da cavalgada, da corrida, do *team penning*. Até do hipismo, que é um esporte olímpico. Estamos verdadeiramente abordando todos os esportes equestres. Por que digo isso? Porque todos eles estão ameaçados hoje, após essa instabilidade jurídica causada pela decisão do Supremo Tribunal Federal que tornou inconstitucional uma lei de 2013 do Ceará, que não preconizava da forma que nós aqui na Bahia temos uma lei da minha autoria, mas que não foi feita pelo deputado Eduardo Salles. Ela foi elaborada durante 3 meses, com a gente participando.

Está ali Sarmento, representando a Associação Brasileira de Vaquejada e também a Associação de Criadores de Cavalo Quarto de Milha. Marcelo Sacramento não quis estar na Mesa, mas está junto com toda a turma. E nós participamos durante 3 meses com todos os organizadores de vaquejadas, vaqueiros, veterinários para colocar no papel uma lei que fosse possível de ser executada na prática. Não adiantava colocarmos uma lei no papel sem que na prática pudéssemos colocá-la em ação. Essa lei atual preconiza o bem-estar animal e pune os maus-tratos. Hoje a vaquejada moderna é totalmente diferente da de 10, 20 anos atrás, a vaquejada que eu comecei a praticar no Parque de Vaquejadas de Jejeu, com 16 anos de idade. É totalmente diferente! Nós hoje temos a proteção de cauda, temos a caixa de areia com maiores dimensões, temos punições para o vaqueiro que maltrata o seu animal, temos a proibição a proibição do uso de materiais e esporas cortantes. Enfim, temos um cuidado com o bem-estar do animal desde a saída dele da fazenda até o retorno depois do evento.

Pois bem, essa é a vaquejada moderna. Como a obrigatoriedade do cinto de segurança mudou a vida de quem conduz um automóvel, nós também fizemos o mesmo. Evoluímos com o nosso esporte, a nossa cultura e a nossa tradição. É bom dizer a todos que nos ouvem que o nosso esporte é nada mais nada menos do que a lida do dia a dia. Fui Secretário da Agricultura do Estado, conheço os 417 municípios, sou votado em muitos do sertão e sei bem o que é a lida dos vaqueiros no dia a dia para curar um ferimento, uma frieira, vacinar ou apartar um animal. É exatamente dessa forma que eles agem. Os esportes equestres nada mais são do que uma evolução ao transformar em esporte o que já acontece na lida do dia a dia no campo.

Os ativistas pregam o abolicionismo animal. Eles se dizem abolicionistas animais. Eles falam que colocar uma sela no animal representa maus-tratos. Mas o senador Otto colocou claramente - o vice-governador João Leão também - que a Constituição Brasileira é uma das poucas que expressa o item maus-tratos e não o detalha. Ele depois vai, com certeza, falar quais as medidas que estão sendo tomadas no Congresso Nacional. Ele e o deputado Cacá Leão, para que nós passemos por cima disso.

Gostaria de dizer que todos esses esportes estão ameaçados. Esses ativistas querem começar pela vaquejada para depois vir para as cavalgadas, os rodeios, etc. Nós temos de unir a família do cavalo, os amantes do cavalo. Esse cavalo que gera 3,2 milhões de empregos no Brasil. Esse cavalo que gera R\$ 16 bilhões de faturamento no Brasil. Esses dados que estão no *site* do Ministério da Agricultura são de 2015. Nós já temos 12 milhões de desempregados neste País! Será que nós queremos mais 3,2 milhões de desempregados para engrossar o caldo?! Não, nós não queremos!

A Bahia, só para dar um dado importante a vocês, tem o maior rebanho de equídeos do Brasil. Equídeo significa burro, jumento e cavalo. O Brasil tem 7,5 milhões desses animais. E a Bahia, 1,2 milhão deles. A Bahia é pecuária, a Bahia tem o segundo maior rebanho de cavalos, o maior rebanho de cabras, também o segundo maior rebanho de ovelhas, o terceiro maior rebanho leiteiro! E nós produzimos a maior parte dos produtos agropecuários. A Bahia é rural. É o Estado que tem a maior população rural do País, o maior número de agricultores familiares do Brasil. São 750.000 agricultores familiares. Esta Bahia tem de ser respeitada! E nós temos de provar que nós vaqueiros, amantes do cavalo, não somos criminosos.

Fica então uma pergunta para todos vocês. Será que é melhor regulamentar, ter lei e normas sobre um esporte equestre ou proibir simplesmente? Será que é melhor colocar na clandestinidade todos esses esportes? Nós sabemos que o Estado não consegue fiscalizar. Ele teria que colocar em cada porta de fazenda um fiscal para poder punir e prender um vaqueiro que na lida do dia a dia derrube um animal. Nós sabemos que ele não vai conseguir controlar os bolões, os esportes equestres acontecendo de forma clandestina e tornando criminosos quem os praticar.

Então, queremos aqui sensibilizar toda essa população urbana, os juízes, porque, minha gente, é importante citar para vocês, nós já tivemos quatro vaquejadas aqui no Estado canceladas, senador Otto, Paulo Afonso, Berimbau, Mata de São João e Euclides da Cunha. Essas quatro já foram canceladas, não conseguimos fazer uma vaquejada aqui na Bahia depois dessa decisão do Supremo Tribunal, que, volto a dizer, foi uma decisão em cima de uma lei do Ceará de 2013, que nada tem a ver com a lei da Bahia. Os juristas dizem que a lei da Bahia continua valendo, nem o acórdão do Supremo Tribunal saiu, o detalhamento do que o Supremo quer falar com aquela decisão dele.

Pois bem, na nossa visão, os juízes e alguns promotores, estão sendo precipitados e fazendo com que essa lei se generalize para diversos esportes equestres para todo o Brasil. Isso é um absurdo, e estamos aqui para tentar sensibilizar, porque

nós recorremos agora da decisão de Berimbau, onde haveria até *show* da cantora Ivete Sangalo, milhares de empregos, pousadas e hotéis já estavam lotados desde o ano passado e foi cancelada a vaquejada infelizmente.

Pois bem, recorremos, e o Tribunal de Justiça da Bahia vai agora julgar o mérito numa segunda instância. Nós precisamos muito do apoio dos senhores desembargadores da Bahia para que entendam o que é o meio rural, entendam o que é a cultura e a tradição do nosso Estado.

Por último, eu queria dizer a vocês que agradeço o empenho de todos os representantes que estiveram em Brasília, estiveram em Feira de Santana em movimento e estiveram ontem numa cavalgada muito bonita que fizemos do Parque de Exposições até o Centro Administrativo. Uma cavalgada ordeira, sem prejudicar o trânsito e que foi feita para mostrar aos urbanos a nossa vida rural.

Muito obrigado a todos e obrigado pela presença. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Neste momento, ouviremos o depoimento da filha do vaqueiro Telinho, Marília Gomes.

**A Sr<sup>a</sup> MARÍLIA GOMES:-** Bom-dia.

Eu fiz este texto para o meu pai logo depois da decisão, mandei para ele por áudio e vazou na *internet*, muita gente ouviu, vou ler mais uma vez, já tem algumas alterações, mas foi mais ou menos assim:

(Lê) “Em 6 de outubro de 2016, o STF votou pela inconstitucionalidade da lei que regulamentava a vaquejada como esporte no Ceará. A vaquejada é uma prática em que dois vaqueiros montados em seus cavalos simulam a pega de boi, o que, vale dizer, acontece até hoje nas fazendas. Mesmo diante de tantos avanços de criação e manejo, os bois fogem e vaqueiros corajosos entram no mato para resgatá-los.

A vaquejada é um belo espetáculo de bravura travado entre o vaqueiro, o cavalo e o boi. Aqui não corremos contra o boi, não objetivamos matar ou ferir. O escopo da vaquejada é deixar claro a coragem e a destreza do vaqueiro. Vence aquele mais resistente. Você pode torcer por quem você quiser nessa peleja, além de ser um esporte genuinamente do Nordeste brasileiro.

Afinal, vocês conhecem um povo mais valente e corajoso do que o nosso? Mas a vaquejada não é só boi no chão entre duas faixas de cal. A vaquejada é um modo de vida, passada de pais para filhos desde o século XVIII no sertão nordestino. É fonte de renda de 700 mil pessoas; é fonte de renda de boa parte das pessoas que conheço; é fonte de renda da minha família. Foi a vida do gado que o meu avô ensinou ao meu pai, o meu pai ensinou a mim e a Netão, que ensinamos a Alice e seguiremos ensinando aos filhos que virão. (Palmas)

Ainda no berço, ganhamos jaleco de couro, cavalo de pau, eles viram tema de papel de parede, são fazendinhas para administrar, o livro do *Boi Aruá* na estante; as milhões de vezes repetidas histórias de Gongo e Basco, dois bois brigões; a cela no braço do sofá; na pista simulada do corredor para a sala revezávamos para ver quem

ia ser o vaqueiro no cavalo imaginário e o boi que cabriolava no chão para dar ponto.

Meu irmão, hoje, aquele tipo de gente feliz que troca a brincadeira de criança pela profissão, é veterinário. Já mais crescidos, assistíamos nossos ídolos na pista. Vi Jailton Tavares em Tibimba, Walnei em Coca-Cola, Gegéu em Simone, Otavinho em Zolhos, Terezão em Cobiçado e Telo batendo suas esteiras em Desejado. Vi dona Socorro, a primeira mulher da vaquejada em Gardel, vi Dr. Alicate em Ás de Ouro, Beto Lepecide em Aroeira, Pia em Talismã, Caboquinho em Angélica e o meu preferido Celso Vitório, ensinando há 20 anos o que é uma capa de sela em Lourinho, sempre muito bem cuidada por Divardo Alosinho e Antônio Nunes, tratadores de cavalo, a quem meu pai também confiava o cuidado com os filhos.

Depois, os meus cavalos de verdade: Canarinho, Furico, Reymoon, Bush Lee, Snep Freds, Pietra Ruth e Let's Go, o nosso tão premiado Léo, montado por Telo, trouxe 30 motos e 5 carros para casa. Aposentado, hoje na fazenda, ainda vem ao nosso encontro com o assobio do meu pai.

Antes da montaria, a doma. Os livros de *Mont Roberts*, lidos exaustivamente na mesa do jantar. Os filmes sobre cavalos, assistimos todos. A preparação, a diferença entre a Bride e um breque, a escolha das rédeas, as peiteiras bordadas, a espora tilintando no chão, o banho, a tosa. Fomos ensinados a fazer tudo. No treinamento, as quedas, os hematomas, as dores, os ensinamentos do meu pai. A felicidade em acertar e a certeza da capacidade de correr.

Durante a montaria, o mais genuíno contato com a natureza que já experimentei: o medo inicial, o respeito ao animal dez vezes mais pesado, muitas vezes mais forte e mais selvagem do que nós. Já na pista, a concentração do cavalo. A confirmação do esteireiro, a adrenalina do galope, o rabo do boi na mão, devidamente limpo e laçado como fazia meu pai. A força e a tensão no braço, enquanto se segura o cavalo e o boi ao mesmo tempo. E o “valeu boi!”

Quando falamos em vaquejada, nosso sotaque fica mais forte. Somos “boi duro”, “vaqueiro doido”, arrochado”, “testado”, “capa louca, mansinho e prancha”. Temos um jeito de falar que só quem é entende.

É festa sim, e por que não? É cultura secular, é sustento para as famílias, é encontro com os amigos, é também cavalos de valores milionários. É o aprimoramento da raça Quarto de Milha no Brasil. É economia de uma região.

Vaqueiros e organizadores concordam com medidas para acabar com o sofrimento dos animais e para a segurança dos próprios competidores. Forrem nossas esporas. Punam a corrida que machucar o boi. Façam inspeção. Proíbam tacas e açoites. Desclassifiquem vaqueiros desobedientes. Mas não digam que não podemos ser mais quem nós somos.

Sou filha de Telinho, irmã de Netão. Sou estudante de Direito, mas quando criança dizia que ia ser vaqueira. Sou Marília Gomes, nordestina de Feira de Santana, e apoio a vaquejada. (Palmas)

(Revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças dos deputados Ângela Sousa, Bira Corôa e Bobô.

Recebi uma correspondência do deputado Antônio Henrique Júnior, endereçada ao presidente da Assembleia Marcelo Nilo, ao vice-governador João Leão, ao senador Otto Alencar, ao deputado federal Cacá Leão e aos demais integrantes da Mesa: “Impossibilitado de comparecer aos eventos pró-mobilização dos amantes do cavalo, venho parabenizar os deputados Eduardo Salles e Gika Lopes, proponente dessa sessão especial, e todas as pessoas presentes que apoiam a vaquejada legal, mas não estando presente, declaro-me inteiramente favorável à prática desse esporte tradicionalmente nordestino, que gera milhares de empregos no Brasil e é uma das mais fortes manifestações culturais do nosso povo.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, vou conceder a palavra ao meu querido amigo, o nosso vice-governador João Leão, pois ele precisa se ausentar. (Palmas)

**O Sr. JOÃO LEÃO:-** Senhoras e senhores, bom-dia.

Para mim, é um prazer muito grande estar aqui.

Trago uma abraço muito forte do governador Rui Costa e o empenho dele em ajudar todos os senhores e todos os organizadores quanto a esta questão vivida por todos nós em torno da proibição da vaquejada, pois, realmente, trata-se de um absurdo. (Palmas)

Não tem sentido esta proibição, gente! Não tem sentido! Nós estamos vivendo em um País em crise com um milhão de problemas, problema disso, problema daquilo, problema daquilo outro. E se cria mais um problema sem necessidade, gente! (Palmas)

Há um bocado de maluco. Eu chamo de maluco. Me perdoem. (Palmas) Há um bocado de pessoas que nunca, nunca na vida, participaram de uma vaquejada, nunca viram uma vaquejada, não sabe o que é uma vaquejada. Tais pessoas, às vezes, não sabem nem o que é uma vaca, não sabem o que é uma galinha, pois foram criados em cidade, repito, foram criados em cidade. Esses, talvez, saibam mal o que é um gato, mas são os protetores de gatos.

Então, gente, esta proibição é um absurdo! Repito, isso é um absurdo! (Muitas palmas)

Eu venho lá do Sertão com a idade desse garotinho presente neste Plenário que está aqui com um chapéu de couro na cabeça. Botei muito chapéu de couro! Corri muito atrás de boi! Corri muito! Fiz muita coisa.

Devo a minha sapiência a esse setor da vaquejada. Modéstia à parte, aprendi tudo sobre vaquejada com Manoel Maurício, um vaqueiro de primeira grandeza, a quem, aqui e hoje, eu presto uma homenagem. Manoel Maurício era barranqueiro do São Francisco (palmas) e grande vaqueiro (palmas). Ele e Gilberto fizeram a melhor dupla de vaqueiros que nós tínhamos, lá, no Oeste da Bahia. E Leãozinho atrás, aprendendo. Eu, menino, gente! Eu era menino quando andei muito de gibão de couro. Corri muito. Me esquivei muito de muitos calumbis e de muita jurema ao

correr atrás de boi. E, assim, fui aprendendo o que é a vida!

Aí, vai um cara que nunca fez absolutamente nada e diz que vaquejada é perigo.

Então, gente, esta proibição está prejudicando os animais e está maltratando os animais. Logo, vamos deixar de comer carne e vamos deixar de fazer churrasco. Acabou-se churrasco. Acabou-se.

E há sentido isso? Realmente, não tem sentido.

Gostaria de saudar o nosso presidente da Assembleia Legislativa, o deputado Marcelo Nilo, e, também, este grande senador da República, Otto (muitas palmas), que está, lá, honrando a Bahia (palmas), pois ele é sertanejo, puxador de rabo de boi! Se você pegar na mão de Otto, vê que é mão de cabra trabalhador, é mão de cabra macho, é mão de homem! (Palmas)

Gostaria de parabenizar o deputado Eduardo Salles (muitas palmas), pois ele está, até, vestido de vaqueiro. (Palmas) Só faltou-lhe o jaleco, Eduardo! Mas o jaleco está em seu coração, repito, o jaleco está em seu coração!

Gente, tenho certeza de que nós vamos ganhar esta batalha! Nós vamos ganhar esta luta! (Palmas) Vou ser o primeiro, repito, o primeiro a estar ali na Esplanada dos Ministérios soltando boi e puxando boi junto ao senador Otto Alencar (palmas) e ao deputado Eduardo Salles.

Repito, não é possível continuar esta proibição da vaquejada, gente! Será que esse povo tem títica na cabeça? Não tem sentido uma coisa desta! Isso, realmente, é o cara não ter o que fazer, repito, o cara não tem o que fazer.

Gostaria de saudar os deputados Adolfo Viana e Gika Lopes.

Saúdo, também, o vaqueiro Telinho, através de Marília Gomes que fez uma explanação. (Palmas) Que mulher bonita, né? (Palmas) Quando vi Marília aqui, lembrei-me do meu tempo de jovem. (Risos)

Quando eu era menino tinha dois cavalos. Um cavalo se chamava “Rouba Moça”. Já pensou a Marília na garupa de “Rouba Moça”? (Palmas) Heim? O outro era um cavalo comprado aos meus 16 anos de idade quando eu ficava tomando conta da fazenda. Meu pai viajava e deixava a dinheirama toda comigo para pagar isso, pagar aquilo e pagar aquilo outro. Com o dinheiro deixado, comprei um cavalo, Otto, que deram-lhe o nome de “Setenta Conto”. Por que o nome de “Setenta Conto”? Isso porque o cavalo custou 70 milhões de cruzeiros. À época, era dinheiro que só a zorra! Entenderam? E eu paguei o cavalo com o dinheiro da fazenda. O meu pai quase me deu uma surra quando chegou. Mas eu fiquei com o melhor cavalo da região. Ele era rédia solta, não precisava nem pegar na rédia que ele ia atrás do boi, jogava o boi para o lado e eu pegava no rabo do bicho e era na hora. Então, essas coisas marcaram a minha vida.

Criei Cacá Leão. Cacá Leão, meu filho, foi criado junto a cavalos. Por isso, ele, até, já quebrou a perna. O boi não quebra perna. Cacá quebrou a perna duas vezes e está, aí, jovem, bonito, saudável.

E a vida é isso, gente! A gente faz o que gosta e o que ama!



Estão aqui dois vaqueiros maravilhosos que vieram para dizer ao povo da Bahia e ao povo do Brasil que a proibição da vaquejada está errada!

Perdoem este pobre coitado, gente! Vão cuidar da vida de vocês! Vão trabalhar, rapaz! Esqueçam a vaquejada, pois, da vaquejada, cuidamos nós! (Palmas) Da vaquejada, cuidamos nós! (Palmas)

Gostaria de saudar os seguintes deputados: Ângela Sousa; o meu companheiro da terra da vaquejada, Alex da Piatã; Ivana Bastos; Jurandy Oliveira, vaqueiro velho; Luiz Augusto, vaqueiro novo; Carlos Geilson; Leur Lomanto Júnior, neto de vaqueiro, filho vaqueiro e com filho vaqueiro; Zó. Acho que citei todo mundo, né? Só faltaram Gilvan, o vaqueiro e o prefeito Isaac. (Palmas)

Gente, não entendo esta brincadeira. Estão transformando este em um País da justiça. Agora, que a justiça seja justa, que a justiça cuide de nós, que a justiça faça justiça e não injustiça.

Hoje, um promotor público faz a sua petição para pedir, ao juiz, uma sentença contra a vaquejada de Serrinha. Por exemplo, ele quer aparecer na mídia, gente! Ele quer aparecer na mídia! (Palmas) Nós temos de ter coragem de dizer isso! Nós temos de pedir a ele o seguinte: “Oh, meu filho, pelo amor de Deus, vai cuidar do criminoso que estão lá, vai prender o ladrão, vai prender a coisa, vai cuidar de tua vida, vai cuidar de tua obrigação!” (Muitas palmas)

Para encerrar, gente, eu queria que vocês ficassem de pé e dessem uma salva de palmas a esses atores que estão aqui: o senador Otto Alencar, (palmas) o presidente Marcelo Nilo da Assembleia Legislativa, (palmas) o deputado Eduardo Salles, (palmas) o deputado Gika (palmas) e todos os vaqueiros do Brasil! (Muitas palmas)

Um abraço, gente! (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças do deputado federal Antônio Brito e do deputado estadual Rosemberg Pinto.

Concedo a palavra ao senador da República, Otto Alencar. (Muitas palmas)

O Sr. João Leão:- Eu iria sair, mas ficarei para ouvir o discurso de Otto a favor dos vaqueiros, gente. (Palmas)

**O Sr. OTTO ALENCAR:-** Sr. Presidente Marcelo Nilo, queria agradecer a V.Ex<sup>a</sup> pela sua cordialidade ao defender, sempre, as causas do povo da Bahia e ao defender, hoje, a causa da vaquejada.

Quero saudar o vice-governador João Leão que, aqui, representa o governador Rui Costa; o deputado Eduardo Salles, proponente desta sessão especial para tratar do tema; o deputado Gika e todos os deputados componentes da Mesa Diretora.

Saúdo, também, a deputada Fátima Nunes, o deputado Adolfo Viana, o deputado Carlos Geilson, o deputado Bira Corôa, o deputado Leur Lomanto Júnior, a deputada Ângela Souza, o deputado Jurandy Oliveira, o prezado amigo Alex da Piatã e o deputado Luiz Augusto.

Saúdo Isaac, o prefeito de Juazeiro; o prefeito de Alcobaça; Dr. Carlos, prefeito de Mucuri.

Saúdo todos os vaqueiros em nome do Gilvan. Saúdo Valmir, o presidente da associação. Saúdo o Temóteo Brito que assumiria, agora, a vaga de deputado, mas se elegeu prefeito de Teixeira de Freitas. Saúdo o meu amigo Zezinho de Lagoa Real que defende a vaquejada. Já estive algumas vezes na vaquejada de Lagoa Real.

Saúdo, também, o deputado Bobô. Ele foi o meu primeiro paciente ilustre da minha vida ortopédica. Não é isso mesmo, Bobô? O Bobô é craque do Bahia. E eu o operei quando ele tinha 18 anos de idade. Ele rompeu os ligamentos. Eu fui fazer o curativo em uma casa em Itapuã. Bati à porta dessa casa e não abriram. Buzinei, não abriram. Aí, eu pulei o muro com uma caixa de curativos. Havia dois cães que quase me pegaram. Mas valeu a pena, porque Bobô virou um craque da seleção do Bahia. Eu sou Vitória. Mas respeito muito Bobô, pois ele é uma pessoa que admiro muito. (Muitas palmas)

Quero saudar os prefeitos, os ex-prefeitos e as lideranças todas que vieram aqui hoje.

Nós estamos em uma luta muito grande que vem já da Câmara dos Deputados através de um projeto do deputado Capitão Augusto. Este projeto de lei foi para o Senado Federal. E, lá, eu fui o relator. Relatamos o projeto de lei na terça-feira passada na presença de várias lideranças da vaquejada. Nós aprovamos o referido projeto de lei na Comissão de Educação, Cultura e Esportes com o apoio do senador Romário que muito nos ajudou. Nós aprovamos o projeto de lei com requerimento de urgência.

O projeto de lei foi ao Plenário do Senado. Notamos que, lá no Plenário, tínhamos votos suficientes para, até, para aprovar uma Proposta de Emenda Constitucional. E nós conseguimos aprovar o referido projeto de lei em regime de urgência. Os autógrafos já foram tomados, como também do presidente Renan Calheiros. Então, depois de aprovado o projeto de lei, o mesmo já foi encaminhado para o presidente Michel Temer. Se o presidente Michel Temer sancionar o projeto de lei, aprovado por nós, qual seja, o PLC nº 20/2016, este se tornará lei.

Bem, a partir daí, nós teremos condições de, através de advogados, provocar o Supremo Tribunal Federal.

O que fez o Supremo Tribunal Federal?

Ele interpretou, apenas e exclusivamente, o inciso VII do art. 225 da Constituição Federal que diz não poder fazer maus-tratos aos animais. No entanto, o artigo e seu inciso não definem o que são maus-tratos.

No entanto, na mesma Constituição Federal de 1988 – eu fui deputado constituinte aqui, em 89 – tem lá o art. 216, inciso IV, que diz que qualquer manifestação cultural e imaterial do povo brasileiro deve ser respeitada. Como tal, se aprovarmos essa lei e se o presidente Michel Temer sancioná-la, poderemos, com os nossos advogados, provocar o Supremo Tribunal Federal invocando esse art. 216, inciso IV, e eles vão ter de reconhecer que a vaquejada é um bem cultural e imaterial

do povo brasileiro, sobretudo do povo nordestino. Não há como deixar de se entender dessa forma.

Portanto, estamos esperando que o presidente sancione essa lei para, a partir daí, com o advogado Kakay, que foi contratado pelas associações de vaquejadas do Brasil todo, provocar de novo o Supremo Tribunal Federal.

Foi uma coisa, como falou aqui João Leão, intempestiva; foi uma decisão tomada sem se ouvir o outro lado da mesa. Tivemos uma luta muito grande na internet. Às vezes, eu ligava para meus amigos, não vou citá-los aqui, e dizia: “Olha, no portal do Senado, o *e-Cidadania*, e no portal do Supremo Tribunal Federal nós estamos perdendo a larga, de longe para aqueles que são contra a vaquejada”.

Quem são contra a vaquejada? São aqueles que não conhecem absolutamente nada do que acontece na relação do vaqueiro com o boi na pista. Eles não conhecem absolutamente nada; fizeram isso sem ter conhecimento. Depois que lutei muito, posso dizer a cada um de vocês: por trás disso tem o interesse econômico de quem é contra a vaquejada. Sabem por que são contra? Porque a vaquejada puxa mais plateia, mais investimentos, gera mais empregos do que aqueles que tem os seus *pets* e cuidam de cães e gatos.

Já identificamos vários ativistas contra a vaquejada que, na verdade, são proprietários de cadeias imensas de *pets* que passaram a vender menos do que vendem as empresas que fornecem medicamentos, equipamentos, ração, feno, etc., às vaquejadas.

Então, já é uma concorrência empresarial. E por causa dessa concorrência empresarial eles conseguiram nos sites uma diferença muito grande. No *e-Cidadania* do Senado, por exemplo, perdemos de 2 por 1. Para cada ativista a favor, havia dois contra a vaquejada. Isso influenciou na decisão dos ministros do Supremo Tribunal Federal. Houve o empate, 5 a 5, e a presidente Carmem Lúcia decidiu contra.

Muitos que estão aqui trabalharam para mostrar aos ministros isso. Conheço alguns que votaram contra e também conheço alguns que votaram a favor. Mas para uma decisão apertada dessa, no mínimo, tinha que se fazer uma audiência pública. O que é uma audiência pública? Você vai ouvir quem é contra e quem é a favor. A Constituição celebra isso, mantém isso, mas, repito, nem uma audiência pública foi feita.

Quero dizer a vocês que o Supremo Tribunal Federal, presidente Marcelo, fez audiência pública para tudo. Por exemplo, quando queriam acabar com os bares de beira de estrada, fez audiências públicas e ouviu todos os envolvidos nessa questão. Também fez audiência pública para discutir a questão da internet, da banda larga, da televisão a cabo.

Já fez audiência pública para atender a uma pessoa, o cantor Roberto Carlos, que respeito muito. Foram ouvidos aqueles que são a favor e também os que são contra a publicação da sua biografia. Observem que era um assunto que só atingia Roberto Carlos, que é um milionário, mas não se fez audiência pública para ouvir 1 milhão de vaqueiros e as outras pessoas da cadeia produtiva da vaquejada que

precisam desse trabalho para sustentar as suas famílias. (Palmas)

O Eduardo Salles conhece muito bem isso, já vem trabalhando há muito tempo com Adolfo e outros deputados que estão aqui. Todos nós trabalhamos, até porque numa luta como essa ninguém vai aqui cultivar vaidade ou orgulho; devemos agir com desprendimento. Ninguém está aqui atrás de apoio ou de ter algum destaque político; absolutamente não. Quem faz pela vida das pessoas, quem ajuda as pessoas, usa o desprendimento. Aliás, isso é contemplado na Bíblia.

Se alguém for a Matheus, capítulo III – Ângela é evangélica, eu sou católico, mas estudei num colégio evangélico, com meia bolsa, tinha de seguir as orientações e estudei tudo na Bíblia, por isso, de vez em quando, tenho lampejos e me lembro dela –, lá está escrito: “O que se dá com a mão direita, não se deixa a mão esquerda saber”. Ou seja, é para dar sem a ideia de receber a contrapartida de quem quer que seja. (Palmas) Então, a nossa luta aqui é pelo vaqueiro, sem nenhum compromisso de querer ter, amanhã ou depois, alguma vantagem, seja ela material, pessoal, de grupo ou de setor.

Pois bem, não fizeram a audiência pública que deveria ter sido feita, mas fizeram para Roberto Carlos e não se permitiu a biografia dele. Como é que não se ouve uma cadeia produtiva tão grande, que passa pelo produtor da ração, pelo casqueador de cavalo, pelo vaqueiro, pelo produtor dos animais, pelo dono da pousada, etc. É como falou aqui a filha do vaqueiro lá de Feira de Santana: ela, que hoje estuda Direito, teve uma contribuição muito grande do seu pai, que a ajudou na sua formação, pagando a sua universidade, se for privada.

Enfim, é uma coisa que eu defino como falta de sensibilidade. E nós temos de trabalhar também agora, quando publicarem o acórdão, que demora um pouco para ser publicado. É preciso discutir e entrar, por intermédio do advogado contratado pela associação, com os embargos de declaração para tentar mudar o voto de um ou outro ministro. Esse é o melhor caminho.

Aquele que tiver amizade ou conhecer algum desses ministros... O Ricardo Lewandowski tinha o compromisso inicial de nos apoiar, mas depois mudou de opinião, exatamente, por causa desse bombardeio das redes sociais; o ministro Luiz Fux votou conosco; o relator, ministro Marco Aurélio, votou contra; o Gilmar Mendes votou a favor. Então vamos conversar com aqueles que a gente conhece. Eu, inclusive, estou conversando com um deles, já marquei audiência, para ver se mudamos essa ideia de que derrubar o boi num parque de vaquejada com 30, 40 centímetros de areia, com cauda artificial, é maltratar os animais.

Como falou muito bem o Eduardo Salles, se for por essa linha, vão ter de proibir tantas e quantas atividades que hoje se tem no Brasil, a começar pelo campo. A vaquejada é extensão do que acontece no campo. Nestes 10 minutos que eu estou falando aqui, mais ou menos mil bois estão caindo nas fazendas do Brasil, puxados pela cauda, porque não querem entrar no curral. Empinam na porta do curral para não irem para o frigorífico, onde vão virar filé filé-mignon, picanha, fraldinha para aqueles que, certamente, com insensibilidade, se alimentam do boi, mas querem que o vaqueiro morra de fome.

Mas isso é uma coisa que não vai acontecer. Vamos lutar até o último momento, vamos fazer o que for possível para não permitir isso. (Palmas) Vamos lutar até o último momento, todos nós. Essa é uma luta que não pode parar, é do dia a dia, todas as horas.

Irei amanhã ao Rio de Janeiro para participar de uma solenidade do Tribunal de Contas do Estado. Espero encontrar lá uma das pessoas que podem nos ajudar; quarta-feira será a mesma coisa. E todos vocês têm de trabalhar nessa direção.

Eu acho que essa luta resultará em vitória. Espero em Deus que isso possa acontecer, até porque sem a fé, sem a confiança naquilo que faz, você não consegue fazer bem-feito. Para ser benfeito, tem de se ter confiança naquilo que está fazendo. E eu tenho confiança! Tenho confiança na Justiça; tenho confiança de que aqueles que votaram contra possam, amanhã, entender que essa nossa luta é fundamental para o Nordeste e para os estados do Centro-Oeste.

A vaquejada se disseminou para todos os lugares do Brasil. Quando eu falava lá, contrapondo-me ao senador Antônio Anastasia, o presidente Romário – que terminou sendo um grande amigo nosso ao colocar essa matéria em votação – lembrou de Xerém, lá no Rio de Janeiro, onde tem a vaquejada do Jonas Dantas. Em São Paulo está começando a ter. No Centro-Sul também.

O Anastasia foi contra, mas depois não obstruiu. É importante dizer que ele foi contra por convicção, e temos de respeitar as convicções das pessoas, até porque é bom definir que a relação da democracia é exatamente essa, o campo de debate das ideias de quem é contra e de quem é a favor. Mas, no momento dessa discussão com Anastasia – ele é de Minas Gerais –, lembrei exatamente daquilo que mais define essa injustiça com o vaqueiro, que é uma poesia feita por um mineiro, Carlos Drummond de Andrade, naquela poesia memorável: “E agora, José?”.

O trechozinho dela é mais ou menos assim: *“E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José? e agora você? / Você que é sem nome, / que zomba dos outros, / você que faz versos, / que ama, protesta? / e agora, José? / Está sem mulher, / está sem discurso, / está sem carinho, / já não pode beber, / já não pode fumar...”* – aí eu brinquei, o Supremo vai deixar o vaqueiro tomar uma cerveja? – *“(...) cuspir já não pode, / a noite esfriou, / o bonde não veio, / não veio a utopia / e tudo acabou / e tudo fugiu / e tudo mofou, / e agora, José?”*

Aonde vão o José da vaquejada, o João, o Manoel? Vão ter de continuar na vaquejada, haja o que houver. Podem ter absoluta certeza de que o Manoel, o João e o José vão continuar na vaquejada, porque ela é fundamental na geração de emprego e renda. E o art. 216 da Constituição Federal contempla isso. É só abrir e olhar, porque, com a lei sancionada, o Supremo vai ter de se dobrar à lei, ao povo nordestino e ao povo brasileiro.

Muito obrigado. (Palmas, muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos assumidos

anteriormente, vou ter de me ausentar. Mas, antes, gostaria de saudar o vice-governador João Leão; o senador Otto Alencar, que talvez seja o maior currículo político da história da Bahia – foi deputado estadual, Líder do Governo, presidente da Assembleia, duas vezes vice-governador, três vezes secretário de Estado, em pastas distintas, conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios, governador do Estado, e agora, sem dúvida nenhuma, o senador que defende os nordestinos, que é o nosso querido Otto Alencar. (Palmas)

Saúdo também esse grande parlamentar que tem atuado muito em defesa da vaquejada, um dos autores desta sessão, deputado Eduardo Salles; o deputado federal Cacá Leão; o 1º secretário desta Casa, deputado Leur Lomanto Junior; o deputado Adolfo Viana, que foi o autor da proposição que colocou a vaquejada como patrimônio imaterial; o deputado Gika Lopes, que também é um dos defensores... Aliás, quando se fala em Gika Lopes, lembra-se de Serrinha, e lembrar de Serrinha é lembrar daquela grande vaquejada que todos os anos acontece naquela cidade. Vardinho está ali, que faz essa bonita vaquejada.

Quero ainda saudar a deputada Fátima Nunes, essa sertaneja; o prefeito Isaac Carvalho – aproveito para parabenizá-lo pela eleição no seu município, onde ajudou a fazer seu sucessor –, que foi vaqueiro; o presidente da Associação Baiana de Vaquejada, Valmir Veloso; Leonardo Abreu, presidente da Associação de Esportes Equestres; Gilvan Vaqueiro, representando aqui todos os vaqueiros; os Srs. Deputados Luís Augusto, Ângela Souza, Alex da Piatã, nosso querido decano Jurandy Oliveira, Augusto Castro, Bobô, Bira Corôa, Nelson Leal, Zé Raimundo e todos os vaqueiros e vaqueiras nesta sessão especial.

Eu sempre disse que o Nordeste foi discriminado. Nasci na roça, no sertão, no semiárido. Há muitos e muitos anos, vi na região a tradição da nossa querida Vaquejada. É óbvio que todos nós, homens públicos, brasileiros, baianos, somos obrigados a respeitar a decisão da Suprema Corte, o Superior Tribunal Federal. Mas a própria Suprema Corte está em dúvida, tanto é que o placar foi 6 x 5. Portanto, quando o próprio Supremo está em dúvida temos que reconhecer e que ter a certeza absoluta que será uma luta política e jurídica.

Está aqui o senador Otto Alencar que tem assumido essa bandeira em defesa do nordestino. E quando assumimos essa bandeira, perguntamos a nós mesmos: por que o Supremo não proíbe que o Jockey Club de São Paulo coloque cavalos correndo até o último segundo, chegando a sentirem-se mal e irem aos veterinários para suportar ser chicoteados e alcançar uma velocidade que, talvez, não pudessem. Isso é que chamo de discriminação com o nordestino.

Quem conhece a Vaquejada e que conhece as grandes corridas dos jóqueis sabe que com os cavalos é muito mais “penoso”, entre aspas, do que a própria Vaquejada. Nós que conhecemos o sertão, sabemos que o vaqueiro que foi criado para tratar o gado jamais vai utilizar da Vaquejada para fazer maus-tratos ao próprio cavalo ou ao próprio boi.

Portanto, senador Otto Alencar, é uma luta política e jurídica. Porque nós, nordestinos, vamos trabalhar politicamente e ao mesmo tempo juridicamente. O ser

humano, principalmente o homem público, tem de respeitar o contraditório. As pessoas que defendem uma tese, temos que respeitar. Mas temos argumentos suficientes para mostrar que a Vaquejada não faz maus-tratos aos animais. Maltrato é você matar para comer, maltrato é você ferrar, maltrato é você pegar no rabo do boi e puxar para botar dentro do próprio curral, depois colocar num caminhão para o matadouro.

Portanto, temos condições políticas e jurídicas de fazer essa luta. Só seremos vencedores se fizermos o que estamos fazendo. Vi centenas de vaqueiros irem para o Congresso Nacional. Sabemos que muitos parlamentares fazem a defesa de uma tese por convicção, como é o caso do senador Otto Alencar, que conhece do ramo de Vaquejada. Mas muitos o fazem pela pressão popular. Os parlamentares, às vezes, votam e participam fruto da própria pressão popular. Então é preciso que continuemos nessa luta.

O senador colocou tecnicamente que se o presidente Michel Temer sancionar o que foi aprovado, temos condições jurídicas de fazer a movimentação no Supremo. E no dia da votação do Supremo, temos que ir lá pacificamente na frente do Supremo, dizer que os brasileiros passam por um dos piores momentos da sua vida econômica, com milhões de pessoas desempregadas, e que a vaquejada vai aumentar esse índice, porque muitos vivem e sobrevivem com seus familiares através da vaquejada, como falou Marília, a nossa querida filha do vaqueiro.

Portanto, em nome desta Casa, em nome de todos os deputados, digo que podem contar conosco. Aqui é a Casa do contraditório, é o lugar para as grandes discussões políticas do nosso Estado, aqui é a Casa do Povo e tem como fatores prioritários elaborar as leis do Estado e fiscalizar o Executivo. Mas que também colocamos como prioridade receber todos os movimentos sociais. Quem quer ter visibilidade, venha para o Poder Legislativo que será recebido. Afinal de contas, somos eleitos para servir exclusivamente o nosso povo do Estado da Bahia.

Portanto, concluo, passando a presidência dos trabalhos ao 1º Secretário. Vou ter que me ausentar, mas podem contar com esta Casa para defender os vaqueiros, que, realmente, são um patrimônio cultural. Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Concedo a palavra ao deputado Adolfo Viana, um dos coautores desta sessão.

Quero registrar a presença do Líder do Governo, deputado Zé Neto.

**O Sr. ADOLFO VIANA:-** Bom-dia a todos e a todas. Inicialmente, gostaria de parabenizar o deputado Eduardo Salles pela iniciativa de propor esta grande audiência com a presença de tantos vaqueiros e vaqueiras de várias cidades do interior do Estado da Bahia. Gostaria de saudar o senador Otto Alencar pelo belíssimo trabalho que tem feito no Senado Federal. Aproveito aqui para dizer da minha admiração e do respeito que tenho por V.Ex<sup>a</sup>, senador, pelas bandeiras que defende no Senado Federal: a vaquejada é uma delas e está no meu coração; a outra grande bandeira é a revitalização do Rio São Francisco, que também é uma causa que defendo juntamente com V.Ex<sup>a</sup>.

Gostaria de saudar o presidente desta sessão, deputado Leur Lomanto; todos os deputados que compõem a Mesa e as cadeiras desta Assembleia, na figura dos deputados Eduardo Salles e Gika; saudar todos os vaqueiros e dizer que tive a honra, em 2014, de ter sido convidado pelo amigo Nei, que aqui se encontra, para participar de um almoço com alguns vaqueiros que me pediam que fizesse um projeto de lei para regulamentar a vaquejada no Estado da Bahia. Conversando com meu advogado, identificamos que o caminho era criar um projeto que transformaria a vaquejada em patrimônio cultural e imaterial do Estado da Bahia. Trouxemos essa ideia, que nasceu no frigorífico de Nei e que veio para esta Casa pela autoria do deputado Adolfo Viana, e votamos, em recorde de tempo, à unanimidade. Todos os parlamentares, com o apoio do Líder do Governo, deputado Zé Neto, que faz questão de dizer aqui, e o Líder da Oposição, todos nós votamos à unanimidade, e a vaquejada virou um patrimônio cultural e imaterial do Estado da Bahia. (Palmas)

As palavras do senador Otto Alencar deixam todos nós com a certeza de que sairemos vencedores desse processo. E com a certeza, também, de que a vaquejada, após esse processo, sairá ainda mais grandiosa e fortalecida. A regulamentação da vaquejada vai proporcionar, por exemplo, grandes patrocinadores, fazendo com que nosso esporte possa continuar em constante evolução. Essa evolução que, diga-se de passagem, já aconteceu. Só aqueles que não conhecem a vaquejada moderna falam que é um esporte que causa maus-tratos aos animais. A vaquejada legal, a vaquejada moderna, banuiu completamente o chicote, a espora, criou um protetor de cauda para proteger totalmente o rabo do boi, tem hoje o fiscal do bem-estar animal que proíbe qualquer tipo de maus tratos aos nossos animais, tem também o acompanhamento de médico veterinário por toda a vaquejada. Só quem não quer enxergar não vê que hoje a vaquejada legal, a vaquejada moderna preservam integralmente o bem-estar do animal.

Ficamos com a sensação de que o Supremo Tribunal Federal votou essa matéria de maneira açodada, de maneira precipitada. É óbvio que todos nós temos o dever de respeitar as decisões da Justiça e nós a respeitaremos. Mas como bem disse o senador Otto Alencar, após o acórdão, entraremos com embargos e tentaremos mostrar aos ministros do Supremo, que já foi uma decisão apertadíssima, que a vaquejada legal e a vaquejada moderna são completamente diferentes daquela vaquejada que foi julgada há mais ou menos uns 30 dias. Temos esse caminho, que é o caminho do acórdão. Temos outro caminho que é o da regulamentação por parte do Congresso Nacional. Tenho a sensação de que a maioria dos deputados federais e a maioria dos senadores aprova a vaquejada, aprova a nossa cultura e aprova esse esporte.

Gostaria, deputado Eduardo Salles, fui provocado aqui também por Gustavo Sarmiento há um tempo, e provoquei outros parlamentares, essa não pode ser uma causa individual de absolutamente ninguém. Afinal de contas, a vaquejada é a nossa cultura, é o nosso esporte e está no coração e no sangue do povo nordestino. Acho que devemos seguir o exemplo do Estado de Pernambuco. Essa é uma decisão que não gostaria de tomar sozinho, gostaria de tomar de maneira coletiva. Acho que o momento para trazer esse assunto é agora, quando temos os parlamentares que



apoiam e temos também as pessoas que fazem a vaquejada ser esse patrimônio cultural, esse esporte tão comentado em nosso Estado.

Acho que deveríamos provocar o Ministério Público para uma audiência. De repente, deputado Eduardo Salles, chegamos a um TAC para tentarmos fazer as nossas vaquejadas até que a decisão do Supremo, até que os embargos sejam realmente revistos. Por que o TAC? Porque confesso que fiquei ontem com uma inveja branca, uma inveja positiva do Estado de Pernambuco, porque eles realizaram lá uma grande vaquejada e muito bonita, e tive a oportunidade de acompanhar pelas redes sociais. E soube que essa vaquejada só pode acontecer justamente por que eles entraram em entendimento com o Ministério Público, o TAC foi feito e a vaquejada foi realizada. A vaquejada legal, a vaquejada moderna não tem medo nenhum de fazer um TAC com o Ministério Público, até por que as vaquejadas regulamentadas não oferecem nenhum tipo de maus tratos aos animais.

Então, as minhas palavras eram essas. Estamos aqui na certeza de que vamos conseguir, senador Otto, através dos embargos um voto para reverter essa decisão; se não for possível a regulamentação por parte do Congresso Nacional, mas acho que vale a pena nós nos reunirmos, deputados, aqui da Assembleia Legislativa junto com os vaqueiros que compõem esta sessão, para buscarmos, sim, esse TAC com o Ministério Público para que, até que os embargos saiam, consigamos realizar as nossas vaquejadas.

Despeço-me desta tribuna muito feliz, parabenizo a todos os vaqueiros que não têm medido esforços para fortalecer ainda mais essa causa. Quero saudar a todas as associações de vaqueiros do interior, na figura da Avasf – Associação de Vaqueiros do Vale do São Francisco, e saudar a todas as associações de vaqueiros da capital, na figura da Associação do Clube dos 30. Hoje escolhi essa gravata de cor verde, que é a cor da esperança, e saio daqui com o coração cheio de esperança de que a nossa vaquejada vai sair desse processo ainda mais fortalecida.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Eu gostaria, mais uma vez, de agradecer ao senador Otto Alencar, que precisa se ausentar, neste momento, por já ter outros compromissos assumidos.

Quero agradecer ao senador o empenho e a dedicação em prol da vaquejada no nosso País. Então, agradeço sua presença e parabenizo-o pela brilhante atuação no Senado Federal. (Palmas)

Eu gostaria de registrar as presenças do deputado Alex Lima e do deputado Sandro Régis, Líder da Oposição aqui na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Gostaria de convidar, para fazer parte da Mesa, o diretor-geral da Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia, Sr. Marcos Vargas, representando o secretário de Agricultura, deputado Vitor Bonfim.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Convidamos o Sr. Valmir Aboiador,

que vem lá de Serrinha, para a apresentação de alguns versos. (Palmas)

**O Sr. VALMIR ABOIADOR:-** (Entoa uma canção.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Neste momento ouviremos o depoimento do representante dos vaqueiros, Gilvan Vaqueiro. (Palmas)

**O Sr. GILVAN VAQUEIRO:-** Bom-dia, senhoras e senhores.

Sou filho e neto de vaqueiro e me vejo numa situação difícil desde quando, anos atrás, começaram alguns ativistas, na revolução da internet, a citar até palavras ofensivas a quem pratica vaquejada. Porque eles não vão entender nunca, porque não montam cavalo. Não vão entender nunca qual é a satisfação em montar um cavalo, porque não tem palavras para definir. Não conheço palavras! Meu pai e minha mãe fizeram questão de estudar, e eu estudei até certo ponto. Eu não achei palavras, ao longo dos meus 42 anos, para definir a satisfação de montar um cavalo.

Então, conversando com alguns colegas, especialmente os do meio da vaquejada, questionamos o que podemos fazer para que a vaquejada seja reconhecida. Alguns disseram: “Ah, não, já são feitos X e Y trabalhos para que a vaquejada seja reconhecida.”

Pois bem, vocês ativistas fiquem sabendo que, de 30 dias para cá, sou um homem desempregado. Por quê? Eu tenho o meu emprego do dia a dia da vaquejada – sexta, sábado e domingo – e vim de montar cavalo na roça, na fazenda por onde meu pai passou para alimentar eu, minha mãe e mais quatro irmãos, ajudando meu pai e meu avô na lida com o gado. Vocês não sabem a lida que meu avô fez em cima da terra, montado no lombo de um cavalo.

Na época a vaquejada era bem pouco reconhecida. Ele foi um homem que não teve – enterrei meu avô há anos – a sua profissão reconhecida como profissional. Ele era tido como um trabalhador rural, mas ele era vaqueiro, nasceu formado! Ele fazia o que gostava e gostava do que fazia, e o nosso país não reconheceu. O reconhecimento veio de X dias para cá. Se me recordo bem, só em 2013 o vaqueiro foi tido como profissional.

Fui registrar meu filho, há 16 anos, e no fórum perguntaram: “Qual é a sua profissão, Sr. Gilvan?”. Eu disse: “Vaqueiro, dona!”. Eu lembro bem, gente, que ela colocou lá “vaqueiro”, mas na frente colocou entre parênteses “trabalhador rural”. Bom, temos que acatar e ficar quietos, não é? Como a gente está acatando, “quem se cala contenta”. A gente não está acatando!

Respeito a decisão do Supremo Tribunal Federal em dizer que somos criminosos, porque a gente trouxe para o curral um boi bravo, o bravo mesmo, que desgarrou do rebanho, como eu fazia com vovô e meu pai, que me deu o meu gibão que estava guardado. Ele saiu para defender essa causa, para dizer que a gente não consente em dizer que meu pai, porque pegou o boi do patrão que desgarrou do rebanho é criminoso; em dizer que eu, Gilvan dos Santos de Araújo, de Cardeal da Silva, que represento a bandeira de Santo Estevão, na Bahia, montar um cavalo,

banhá-lo – hoje eu já me dou esse luxo, sonhei quando criança – e enrabar um garrote numa pista de vaquejada, que é o único esporte que o Brasil criou e teve a sua evolução... Está aí a prova: universitários, madames, jovens, meninas, garotas que estão estudando, cursando a faculdade já montam num cavalo, hoje, e correm boi! (Palmas)

Oh, gente, dizer, Excelência, que é crime? Eu respeito a vossa magistratura, mas não é crime! Não é crime um brasileiro gostar do que faz e fazer o que gosta. Fui para a escola, porque papai e mamãe obrigaram mesmo! Eles diziam: “Você vai ter que ser cidadão.” Eu não sou bom em nada, sou apenas mais um brasileiro. Corri vaquejada no Parque Lagoa da Rosa, em Cardeal da Silva, quando menino. Mamãe e papai diziam: “Você não vai, não!”. E eu pedia: “Oh, papai, me deixe ir.” Eles respondiam: “Cuide das suas obrigações, e, se terminar cedo, vá.” Corri vaquejada no Parque Lagoa da Rosa; corri vaquejada no Parque Boi Adestrado. Já no mundo eu ia lá passear. Se tinha bolão de vaquejada, eu ia lá no Parque Boi Adestrado correr boi.

Hoje, a gente faz vaquejada no Parque Antônio Albérico, em Cardeal da Silva, porque a gente gosta. E vão dizer que a gente é criminoso? Não é, não, gente. Estou há seis semanas... tenho boas amizades, graças a Deus – o que importa para mim é isso. Perdão a todos se a palavra até... – mas quando chega terça-feira em que eu iria buscar o meu salário – igualmente a X funcionários à espera de uma empresa, dia 5, dia 10 ou dia 15 –, sexta, sábado ou domingo, eu iria buscar o meu salário da vaquejada no Parque Maria do Carmo, em Serrinha, na Bahia. Por onde já passo há vários e vários anos, no Parque Alto Sereno, que hoje conta com uma superestrutura montada em dois novos parques e que só fizeram um, o Parque Reginaldo Sarmento, na Bahia, Arena São Francisco. Só vão fazer uma vaquejada?

O empreendimento que esses homens fizeram. São apenas brasileiros. O filho de André Sarmento pratica a vaquejada e as filhas de Gustavo e Marcelo Sarmento – fico falando porque eles são mesmo referências – praticam vaquejada. E vão dizer que esses cidadãos estão colocando os filhos deles para serem criminosos?

Como a gente tem um vaqueiro universitário – sou locutor de vaquejada e digo –, Danilo Pamponet, cavaleiro universitário, Lucas Carvalho, cavaleiro universitário, ao lado de seu pai Otavinho, e Danilo, ao lado Ney Pamponet, seu pai. Um cidadão que nem Ney Pamponet, empresário, pecuarista do Estado da Bahia e que tive o privilégio de conhecê-lo no ramo da vaquejada brasileira. E vão dizer que esse cidadão colocou o filho dele para praticar crime, montar a cavalo e correr boi aqui.

Não são, não. E não vai ter palavras para definir a vocês, que são contra a vaquejada. Esse brasileiro é apenas um, dos milhares de brasileiros que estão na sexta semana pedindo favor aos amigos para poder adquirir o sustento. Já gastou o nadinha que tinha em casa. Minha esposa já sabe e já vai mexendo para lá e para cá. O meu filho nesses dias disse para mim: “Não, papai...”, depois que cheguei de Brasília, onde os amigos levaram, Deus primeiramente, “(...) não papai. Vê com os amigos que o senhor tem aí. Não se acanhe, não. Arrume um emprego para mim que a gente desenrola. Claro, a gente arruma outras coisas para fazer caso a vaquejada acabe”.

Eu disse a ele: “Não vai acabar, não”. Eu olhei assim, tranquilo.

Tenho amigos aqui e alguns deles já receberam mensagens minhas para arrumar emprego. Mas estou na sexta semana que não tenho o meu salário. Um funcionário de mês a mês, já é o sexto mês. Metade de um ano. E aí? Senhores ativistas, vocês vão colocar o pão de cada dia nas casas da gente? Vão, não vão? A gente sabe que não vão. Mas é a realização eu dizer que José Ferreira dos Santos de Araújo, Zé Direção, que criou os cinco filhos e disse a mim há dia atrás: “Meu filho, eu não pude fazer por vocês. Mas hoje eu posso fazer por meus netos, conseguido no lombo do burro e do cavalo”. Aí, esse homem – meu avô foi embora há anos atrás e não viu a evolução da vaquejada, em partes – vê a evolução do seu esporte, porque foi criado na pega do boi e no “caçacá”, lá dentro da “gerema”, e hoje tem a evolução registrada. A vaquejada hoje é registrada, tem regras. Venham ser conhecedores das regras que a Abvaq criou e são seguidas pelos realizadores de eventos.

A gente hoje faz bolão – que é o baba da vaquejada – e é seguido. A boiada hoje é com protetor de cauda, é uma boiada forte. E já tem anos que nós nos tornamos adeptos. Quem pratica, quem trabalha: Gilvan locutor, os juízes de vaquejada, os vaqueiros. E quem, conseqüentemente, é pego praticando um ato que não seja de acordo ao que o organizador da vaquejada determina é punido.

A emoção me toma conta por estar aqui e, de alguma forma, estou realizado, porque estou fazendo parte dessa história, junto com todos que estão aqui: empresários, amantes e colegas de trabalho. E a gente vai fazer parte dessa história. Quando os nossos netos tiverem correndo o boi, a gente vai ver que fizemos parte dessa história. E ela está aí, fincada. Porque a vaquejada era conhecida por nós, brasileiros, principalmente nós nordestinos. E ela passou a ser conhecida mundialmente.

O esporte equestre do Brasil não vai acabar, não. A prova está em Brasília: no dia 25 do mês passado estivemos lá. E a prova está aqui hoje, com essa Casa lotada e com os defensores que vieram defender o que gostam de fazer e fazem o que gostam. Então, quem é contra não vai entender, porque se entendesse iria ter certeza de que as regras já foram criadas e são seguidas e estão evoluindo a cada ano, porque o mundo evoluiu. A gente tirava fotos no papel há anos atrás e para chegar levava duas, três semanas, trinta dias. E hoje tira uma foto e imediatamente já manda e já chega.

Então, a vaquejada acompanhou a evolução, com certeza. E eu sou prova disso. Mas sou prova também que estou aqui com meu filho, porque os amigos ajudaram para eu poder vir, porque não tive o ganha pão sexta, sábado e domingo e tenho amigos que me ajudaram botar o sustento de minha família em casa. Um homem com 42 anos se vê há 18, quase 20 anos, como profissional no ramo da vaquejada, vendendo bonés, amansando cavalos, correndo boi. Hoje, desde 11, 12 anos atrás, sou locutor de vaquejada profissional no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Goiás, Tocantins, na Bahia toda, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas. Ou seja, na grande maioria da nossa Federação Brasileira, a vaquejada abrangeu, furou as barreiras. E aí a gente se vê atado? Não. Estão querendo nos atar. Mas a vaquejada vai passar, com certeza. Vai voltar e vocês nos ajudaram a provar a força da vaquejada brasileira, a força de quem gosta do que faz e faz o que gosta, pois “o vaqueiro é um gênio

sertanejo que ampara a boiada nordestina, o aboio é a sua disciplina e ele canta matando o seu desejo. Come mel, rapadura, leite e queijo, o cuscuz, o angu e a coalhada. Se lhe falta manteiga ou carne assada ele come, a buchada de um carneiro. Se um dia eu deixar de ser vaqueiro, vou chorar com saudades da boiada.”

Viva a vaquejada do Brasil! Eu apoio a vaquejada! Eu apoio a vaquejada!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Gostaria de registrar a presença do deputado Sidelvan Nóbrega.

Convido para fazer uso da palavra o Líder da Oposição, deputado Sandro Régis.

O deputado Zé Neto se levantou, Oposição só a partir de 2018, deputado Zé Neto, paras V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. SANDRO RÉGIS:-** Bom-dia a todos. Quero aqui falar em nome da nossa Bancada, nas pessoas do deputado Adolfo Viana e do deputado Leur Lomanto, que defenderam a bandeira da vaquejada da Bancada de Oposição. Gostaria de dizer que a Casa está unida em prol dessa luta justa.

Nós políticos, a justiça, as pessoas que fazem as leis e as executam nesse País deveriam estar nesse momento focados em assuntos mais importantes, que estão mudando a vida do brasileiro no dia a dia: no desemprego, na crise econômica. E não querer, através do poder da Justiça e do Parlamento, aumentar esse desemprego, porque sabemos da força da vaquejada na vida das pessoas, na geração de emprego e renda.

A vaquejada, além de ser um esporte e de ser uma cultura, se tornou uma atividade profissional valorizada no Nordeste e em nosso País. Então, tenho certeza que os 63 parlamentares dessa Casa estão convictos que a vaquejada é muito mais do que um esporte. É hoje um estilo de vida. E o nosso Parlamento tem a obrigação de estar ao lado de vocês vaqueiros, ao lado de todos os praticantes do esporte, porque nós temos que fazer lei e advogar para o povo, para as pessoas e para o benefício da sociedade. E quem é contra a vaquejada é contra o emprego, é contra as pessoas, mas acima de tudo é contra uma religião, contra uma cultura, é contra um esporte que só vem se fortalecendo, gerando riqueza, gerando emprego e se tornando uma atividade de vida para milhares de pessoas.

Eu não tenho dúvida que o Parlamento da Bahia – e falo em nome da Bancada de Oposição, onde temos Leur e Adolfo como os grandes líderes do movimento em nossa Bancada, e com certeza Zé Neto falará a mesma linguagem – está ao lado de vocês nessa luta justa, mas, acima de tudo, uma luta convicta de que nós estamos fazendo o bem e defendendo o certo.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Com a palavra o Líder do Governo, deputado Zé Neto.

**O Sr. ZÉ NETO:-** Bom-dia a todas e todos os presentes. Gostaria de saudar a Mesa em nome do deputado Eduardo Sales, que tem sido um guerreiro nesse momento tão difícil de enfrentamento de uma situação que deve ser resolvida e que afeta a nossa cultura, as nossas origens e os nossos valores.

Saudar os demais deputados da Casa, deputado Gika, deputado Leur, deputado Adolfo, que também compõe a Mesa, os vaqueiros e as vaqueiras. Eu quero dizer aqui, com muita tranquilidade, que em 2011 foi trazido a essa Casa o projeto de lei, pelo então governador Jaques Wagner, que reconheceu a profissão de vaqueiro. Reconheceu também como bem cultural o exercício do vaqueiro. E isso é uma demonstração clara de que esta Casa vai estar aliada, diria, com toda a intensidade, a essa causa. Em 2011, nós votamos por unanimidade.

Agora, talvez, alguém queira tirar algum proveito dessa situação. Até porque quando se fala em humanidade ou quando se fala em cuidado com a vida ou quando se fala em cuidado com valores da vida, com animais ou com qualquer outro valor da vida, o que me vem à cabeça primeiro é, exatamente, o cuidado com os nossos valores culturais, com as nossas relações existenciais. Qualquer um de nós – do interior, principalmente – que chegarmos a uma vaquejada, a uma exposição de gado ou a uma corrida de argolinha ou qualquer desses eventos vai sentir, de forma muito evidente, uma relação existencial com todas essas ações e com todos esses eventos que residem dentro de cada um de nós, de cada sertanejo, de cada nordestino.

A cultura econômica da Bahia depende também desses valores. A valorização da nossa economia passa, nesse momento, por essa atitude que nós estamos tendo nesta Casa. E o que disse o nosso amigo Sandro Régis agora há pouco sobre o nosso apoio, eu tenho certeza que essa luta, que essa crise talvez tenha chegado em um momento repentino, mas eu sou um pouco da tese de que é do atrito que nasce a luz. Nunca se falou tanto em vaquejada, nunca se viu tanto a importância da vaquejada e nunca vimos tanta intensidade na defesa desse importante bem cultural do nosso Estado, do nosso Estado, do nosso Nordeste, especialmente do nosso sertão. Nós vamos juntos! Dessa crise nascerá uma lei que regulamentará, definitivamente, no País, esse, que é um esporte, esse, que é um evento, esse, que é o momento, uma referência para todos nós. E podem crer que, aqui, dos deputados estaduais da Bahia, vocês terão o apoio, a força e a presença na vaquejada quando ela estiver regularizada, para fazermos uma grande festa e dizermos que essa Bahia é de luta.

Vamos juntos, vamos à vitória, vocês merecem, a Bahia merece, a cultura merece. Vamos lá!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Concedo a palavra ao presidente da Associação Baiana de Vaquejada, Valdir Veloso.

**O Sr. VALMIR VELOSO:-** Bom-dia, senhores e senhoras, não temos muito o

que dizer. Diante de tantas explicações aqui vistas, de pessoas que falaram, se formos ficar falando de regras, disso, daquilo, vamos ficar repetitivos, e já são 30 e poucos dias nesse batidão, repetindo a mesma coisa. Então, como o deputado Zé Neto acabou de dizer, a vaquejada já ficou conhecida, é pauta em todos os jornais nacionais e internacionais.

Quero pedir só uma coisa: união. (Palmas) Primeiramente, agradeço pela união de Brasília, Feira de Santana na da cavalgada de ontem. Conseguimos unir os esportes equestres, trazer o pessoal da cavalgada, não só o pessoal da vaquejada, e pedir a união de todos. Se chorar, vou chorar, certo? (Palmas) Peço a união de todos porque o que estão fazendo com a gente é uma injustiça tremenda, porque os ministros que julgaram não conhecem a vaquejada. Primeiro é isso aí.

Eu fico vendo pelas redes sociais, não entro em debate em rede social porque não vou dar ibope a quem não merece, não discuto, não digo nada. A pessoa acha que vaquejada é correr com a vaca. Com poucas vacas se correm em vaquejadas, no máximo uma novilha, são garrotes que vão crescer e vão seguir seu ciclo de vida para serem abatidos. Os caras não sabem de nada. Aí vem outro que acha que são maus-tratos. Como disseram, vamos definir o que são maus-tratos. Será que um cachorro ficar num apartamento trancado sem poder fazer as necessidades fisiológicas também não significa maus-tratos? Digo isso para os ativistas, não para pessoas que criam cachorro, como eu, e não é contra a vaquejada.

Eu sou médico veterinário, para quem não sabe, e corro em vaquejada há 26 anos. Moro em Feira de Santana por causa das vaquejadas e me deparo com meus amigos passando necessidades por causa de um bando de pessoas radicais que não aceitam a coexistência. Isso é de doer. Pessoas como Cheiroso, que, como vocês aqui da vaquejada sabem, estava catando lixo nesta semana porque tem seis semanas que ele não pode colocar o pão na casa dele; (palmas) uma pessoa que era alcoólatra, e a vaquejada resgatou. Vocês todos que o conhecem são testemunhas. Tem um trabalho digno, e vem uma pessoa que não sabe nada de vaquejada e quer parar, e ainda abre a boca para dizer que não é cultura. Isso me entristece porque posso me reinventar, sou médico veterinário e sou empresário. E as pessoas desqualificadas, que não têm qualificação profissional, vão fazer o que? Será que o cara, quando vai dar uma canetada para mudar uma situação como essa, não pensa nas consequências? Todo ato tem uma consequência.

Então, 720 mil pessoas vão ficar desempregadas, será que ninguém pensou nisso? Eu digo que eles não souberam o que fizeram, porque saiu da boca da própria ministra Carmen Lúcia que ela iria votar a favor da vaquejada, e, poucos minutos antes, esses radicais mandaram um vídeo para ela, fotografias, e ela mudou o voto dela. Então, é inadmissível isso, mexer com o Nordeste todo em função do desconhecimento, sem ter uma audiência pública. E outra coisa, tirando o Ceará, a Bahia é o único Estado em que estamos entrando com medidas para que a vaquejada aconteça, e o Judiciário e o Ministério Público estão negando, sem nem ter sido publicado o acórdão. Enquanto isso, as pessoas estão padecendo de fome. E é fome, fome mesmo! Porque, como Gilvan acabou de falar aqui, ele tem seis semanas sem

receber o pão dele. Gilvan trabalha no final de semana, como muitas pessoas que trabalham em vaquejada, e essas pessoas estão paradas. E as autoridades não acordam para isso.

Para não me delongar, vim pedir socorro a vocês hoje. Socorro para o pessoal da vaquejada, para que possamos, o mais rapidamente – urgente, urgentíssimo –, pedir ao Ministério Público da Bahia que, até sair o bendito resultado desse acórdão, permita que a gente faça a vaquejada. Porque, quando sair, vamos entrar na Justiça, vamos brigar, e brigar da maneira que for preciso, porque acho inadmissível!

Era o que eu tinha a falar. Muito obrigado. A vaquejada é cultura, é tradição. (Palmas, muitas palmas.) Aqui tem um bocado de trabalhadores de vaquejada, e, como falei anteriormente, nos bastidores está tendo um pouco de divergência entre o pessoal que está participando de manifestação e os que não estão. Olhem: vaquejada é uma família, e estamos unidos. Então, vamos fazer cada qual a sua parte, independentemente de estrelismo, de quem está na frente, de quem está por trás. Todos juntos por uma causa só. Como falou também o deputado, sabiamente, a vaquejada vai sair fortalecida dessa luta. Há coisas de ruim que acontecem que às vezes vêm para melhorar, e, com fé em Deus, vamos sair vitoriosos e melhores, com a vaquejada regulamentada e fiscalizada. (Palmas, muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Convido o chefe-geral da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Sr. Alberto Duarte Vilarinhos, para fazer parte da Mesa, e, para fazer uso da palavra, o querido amigo, deputado Gika Lopes. (Palmas)

**O Sr. GIKA:-** Bom-dia a todos e todas, quero agradecer a *TV Assembleia*; a Marcelo Nilo, presidente da Casa, que agora não se encontra; ao deputado Eduardo Salles, que, juntamente com todos nós, faz com que aconteça esta sessão especial; aos deputados Leur Lomanto e Adolfo, que também estão juntos conosco. Aqui, embaixo, estou vendo Zé Raimundo, lá de Vitória da Conquista; quero agradecer a Bira Corôa; a nosso Alex Lima; e ao nosso companheiro Sandro Régis. Aqui já estiveram a nossa deputada Fátima Nunes e outros que já saíram por causa de outras atividades. Agradecer também ao nosso senador, que esteve aqui e está engajado, muito fortemente, nesta causa, juntamente com todos nós; temos aqui também o nosso vice-governador; o presidente da ABCCPE; Gilvan, vaqueiro que já deu o seu depoimento e que está sofrendo, segundo ele, há seis semanas sem ganhar o pão; e Valmir, que também está nessa luta.

Ontem tivemos uma grande cavalgada, saindo do Parque de Exposições para a Assembleia, e quero agradecer a todos que vieram de todas as regiões da Bahia fazer com que mais de 500 cavalos estivessem presentes nessa cavalgada. Foi uma cavalgada muito bonita, para mostrar ao povo da Bahia e ao nosso Brasil o que é a nossa vaquejada, a nossa cultura, o que é a cavalgada, enfim, todos os esportes equestres que fazem valer a nossa lei. Temos que fazer com que essa lei venha a ser regulamentada o mais rápido possível, para que essas famílias não passem



necessidades, porque eles têm como ganhar o seu pão, e é a vaquejada, os esportes equestres que fazem com que esse povo ganhe o seu pão.

Então, nós estamos aqui hoje, reunidos com essa “vaqueirama”, com esses presidentes de parque, donos de parque, de associações de animais, fazendo com que isso venha para dar tudo de bom para gente ou para que amanhã esse povo fique mais tranquilo. São 700 a um milhão de pessoas que vão ficar desempregadas, que, quando se toma como família, sobem para mais de 3 milhões.

Então, nós vamos ter que ver isso, nós, os 63 deputados aqui, estamos todos engajados na questão da vaquejada, do esporte, porque não podemos deixar isso parar. Se parar, como já tem 12 milhões e tantos, quase treze milhões de desempregados, esse número vai aumentar mais. Isso aí nós temos que ver.

Vemos donos de parques todos preocupados, como eu também sou dono de parque e vejo lá. São cinco pessoas, e, caso isso venha a acontecer, como está acontecendo, e, com fé em Deus, não vai parar... porque nós temos como fazer isso vir de forma diferente e ser bom para todos nós, e que as vaquejadas regulamentadas venham a acontecer.

O STF julgou; os 11 ministros que julgaram não são nordestinos, nenhum é daqui do Nordeste, todos são lá do Sul, não conhecem a nossa realidade, não sabem o que é o sol quente aqui do nosso Sertão. Não sabem que, no Nordeste, em 70% das capitais, de todas as cidades, tem vaquejada, como a Bahia, que tem 230 vaquejadas que acontecem por ano. Lá, em Serrinha, são 17 parques, 17 pistas de vaquejada. Então estão todos parados, esperando que venha essa questão para a gente regulamentar.

É isso aí. Nós, que estamos nessa luta, se formos ver, se formos falar tudo que já foi falado aqui, vai ficar repetitivo. Todo mundo já sabe qual é o processo, estamos aqui só agradecendo a todos vocês e pedindo que a gente fique unido, todos os donos de parques, todas as associações, ABV e ABVAQ, enfim, todas se unam para que a gente constitua advogado para defender o nosso esporte. Como foi falado hoje de manhã com a turma em frente à Assembleia, que estão acampados desde ontem, temos que ver isso aí. Não pra pontuar, para cada um olhar para o umbigo de cada um, temos que todos estar unidos.

Os deputados estaduais têm de pegar os 400 deputados federais que estão a favor da vaquejada. E podemos pegar muito mais pessoas, porque temos que ter uma PEC, porque sem a PEC não vai funcionar. Isso que o nosso senador falou, funciona, já dá um passo, mas o certo é fazermos a PEC com os federais, ir para o Senado, depois o presidente sancionar a lei. Aí, sim, vira constitucional, no momento estão julgando inconstitucional.

Então temos que fazer com que isso aconteça para a gente ter a paz, toda a família vaqueira, essa família de vaquejada, a família de todos os esportes equestres venham a ter essa paz. Então é isso aí. Que Deus abençoe a todos, quero agradecer a todos que vieram ontem e que estão até hoje. Nós estamos nessa luta com todos os deputados, com tudo o que tiver em nossas mãos. Vamos fazer com que a vaquejada se torne legal, para que venha regulamentar e fazer com que ela funcione 100%.

Que Deus abençoe a todos e vamos à luta! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Convido para fazer uso da palavra o nobre e querido amigo, deputado Alex Lima.

**O Sr. ALEX LIMA:-** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quero cumprimentar todos os presentes na figura de Gilvan, esse conterrâneo, filho de um grande amigo que participou ativamente da minha infância, vaqueiro dos bons, mas, acima de tudo, um ser humano trabalhador, homem de bem, um vaqueiro de verdade, como são todos os vaqueiros da Bahia e, sobretudo, do Nordeste brasileiro, meus amigos da direção.

Queria saudar os demais vaqueiros, presidentes das associações, saudar o deputado Eduardo Salles pela iniciativa desse movimento, e dizer aos amigos e amigas da Bahia que esse é um movimento que não pode parar por aqui. Essa é uma luta que vai muito além da luta em defesa da vaquejada, em defesa do homem do campo. É uma luta, deputado Eduardo Salles, que vem para combater as injustiças que o povo nordestino tem sofrido ao longo dos anos, como se não bastasse os prejuízos e a luta que tem e o desafio de lutar para sobreviver nessa região desde os primeiros dias de vida. Nós, além de não encontrarmos no poder público uma solução para os graves problemas do Nordeste, para a desigualdade e discriminação que o povo nordestino sofre neste País, agora encontramos inimigos não apenas da vaquejada, inimigos da cultura nordestina como um todo, porque é isso que representam os esportes como a vaquejada, como a pega de boi no mato, e somente aqueles que vivem e que vivenciaram essa cultura podem testemunhar a importância que têm para a vida, como disse, do povo nordestino.

Li, recentemente, que agora o STF vai julgar se o sacrifício de animais também é algo inconstitucional e portanto ilegal. Então, já estão planejando um golpe que vai para as nossas origens e nossas tradições religiosas, porque sabemos que existem raízes africanas que forjaram, sobretudo, o povo baiano e agora querem golpear também a nossa cultura religiosa. É por isso que movimentos como este, Eduardo, são importantes para que possamos sair da zona de conforto e bradar aos 4 cantos deste País que o povo nordestino tem voz, o povo nordestino quer ser respeitado, quer poder ter oportunidade de desfrutar do seu lazer, mas também de trabalhar e ganhar o seu pão de cada dia às custas do suor do seu trabalho.

Portanto, venho aqui registrar e manifestar meu incondicional apoio a este movimento em defesa de uma causa ainda maior, que é a defesa do povo nordestino como um todo. Chega do Nordeste brasileiro perder para o Sul e o Sudeste em todos os aspectos e agora também perder quando querem sacrificar a mais tradicional das suas culturas, porque não vejo ninguém criticar as provas dos barões do eixo Rio/São Paulo, das competições no Jockey Club paulista ou carioca, não vejo ninguém se interessar se aqueles animais, eventualmente, estão passando por algum tipo de maltrato. Mas será possível que ser vaqueiro é algum demérito neste País? Muito pelo contrário, temos dignidade, porque nas mãos de cada vaqueiro tem os calos do

trabalho, da dignidade e da luta pela sobrevivência com as dificuldades que enfrentamos.

Parabéns pela iniciativa, contem comigo e vamos continuar serrando fileiras em defesa da vaquejada e da cultura nordestina.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Agradeço ao deputado Alex Lima e convido, para fazer uso da palavra, o Sr. Leonardo Abreu, presidente da Associação de Esportes Equestres.

**O Sr. LEONARDO ABREU:-** Muito bom-dia a todos, quero saudar a Mesa, todos os deputados presentes e dizer que ABCCPE está com a vaquejada legal e acima de tudo está com o cavalo. Valmir se emocionou aqui, porque ele sabe o que é um cavalo e todas as atividades que envolvem o cavalo hoje se sentem ameaçadas com essa atrocidade que foi feita no esporte. Nós não poderíamos ficar calados, estamos juntos para o que der e vier, tenho certeza que a família que esteve presente, aqui, hoje, defendendo o cavalo, o uso racional dele na pessoa de João Leão, foi o discurso com que mais me identifiquei, porque realmente isso é um absurdo.

E quero dizer a vocês deputados que deem uma atenção maior ao esporte equestre, seja ele qual for, porque existem dados e estudos que dizem que o cavalo reúne mais pessoas que o futebol. Existem estudos que mostram que o cavalo emprega mais pessoas que a indústria automobilística, e não tem o apoio devido.

Eu digo a vocês que temos o Circuito Baiano de Cavalgada e já tentamos fazer o circuito baiano de argolinha, mas falta apoio. Então, eu venho aqui pedir também aos senhores deputados, que possam influenciar em suas secretarias no governo do Estado, como a da Cultura e Esporte, ou a Bahiatursa, para olharem para o interior do Estado. Na capital, há a corrida, o surf, a praia, mas no interior só temos o cavalo. Todos os finais de semana, nos 417 municípios, existem movimentos com cavalos, seja vaquejada, cavalgada, argolinha, e precisamos de apoio, de políticas públicas para isso.

Eu estou há algum tempo à frente da associação e confesso a vocês que estou cansado, porque entra ano e sai ano, entra governo e sai governo, e a nossa peleja é a mesma: pedir, pedir, pedir. Eu acho que neste momento de crise, no qual a ABCCPE está fechada com a proibição da vaquejada, entendemos que é um esporte bonito, maravilhoso, e que economicamente é muito importante para o Nordeste e para o Brasil inteiro, não poderíamos ficar calados, precisamos de políticas públicas, precisamos de uma atenção maior para o esporte equestre. O cavalo hoje não é mais um animal de trabalho, ele é praticamente um animal doméstico. Em Salvador temos cerca de 3 mil animais embaiados. É muita coisa! Em Feira de Santana, e por aí vai. A cada dia, uma criança, um menino, um adolescente quer um cavalo. Nós temos que parar e pensar nisso.

Esse é o meu recado. Contem conosco.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Convido para fazer uso da palavra o deputado Bira Coroa.

**O Sr. BIRA CORÔA:-** Sr. Presidente, Leur Lomanto Júnior, Srs. Deputados, em nome dos proponentes desta sessão, os deputados Eduardo Salles e Gika Lopes, eu quero saudar a todos os deputados e deputadas desta Casa e ao mesmo tempo destacar a importância de esta Casa ter reconhecido a vaquejada como um patrimônio imaterial do nosso Estado. E, conseqüentemente, em especial, saudar, em nome das representações aqui, da ABCCPE, e também da Associação das Vaquejadas, em nome de Leonardo, em nome de Valmir, saudar a todas as organizações que mantêm viva a nossa identidade cultural no Nordeste, no sertão da nossa Bahia.

Quero saudar, acima de tudo, a todos os vaqueiros, aqui representados por Gilvan, mas especialmente saudar a todos e a todas que, direta e indiretamente, asseguram no cotidiano das nossas vidas a nossa real identidade. Falar da sustentação, do reconhecimento e do direito de prática da vaquejada vai além de uma mera discussão de proteção a animais. Digo isso, porque aqui mesmo neste local que estou falando desafiei nesta Casa alguns dos nossos edis, deputados e deputadas, que hoje se posicionam contra a vaquejada, indo nessa onda crescente de proteção aos animais, porque não ouvi, em nenhum dos discursos aqui apresentados pelos tais contrários à vaquejada, posicionamento contra o trabalho escravo, contra a exploração do homem e da mulher no campo, que ainda padecem de reconhecimento e de respeito. (Palmas) Não ouvi nenhum deles aqui se posicionar contra o trabalho infantil e muito menos contra o assédio moral.

Por isso, que aqui me sinto muito à vontade, não apenas para defender a prática da vaquejada, mas, também, para reafirmar que é através do vaqueiro que somos identificados como nordestinos. Foi o símbolo do vaqueiro, o chapéu, o gibão que chegou aos 4 cantos deste País e que ora representa uma parcela significativa da economia do nosso País.

Quando analisamos o PIB do nosso País, Leonardo, encontramos 16 bilhões de contribuição dada pela criação de cavalos. Quem é que identifica e mantém hoje essa prática dos investidores, se não a vaquejada, a cavalgada, a argolinha entre outras atividades?

É uma atividade econômica que move a economia do País e sustenta com emprego, dignidade e respeito famílias. Os depoimentos aqui apresentados deixam claro que à sombra das salas fechadas, irrigadas por ar-condicionado e conduzidas por aqueles e aquelas que nunca vivenciaram a realidade do nosso povo; que nunca adentraram o interior dos nossos Estados; que nunca chegaram aos nossos municípios; que não conhecem a realidade socioeconômica do nordestino e do Norte, há comodismo de posicionar-se contra a vaquejada sob a alegação de maus-tratos aos animais, desrespeitando acima de tudo a cultura, a identidade e, sem dúvida, a economia.

Nós falamos aqui de mais de 700 milhões de pessoas que estarão desempregadas, mas não estamos olhando, e eles muito menos, o baque e o impacto

na economia deste País. É bom dizer, é bom citar, inclusive, que desses R\$ 16 milhões de contribuição ao PIB diretamente, circula, também, o efeito e o impacto indireto desse processo. É uma cadeia produtiva que estamos nesse momento discutindo.

Não basta a violência vivenciada ainda pela ação da tecnologia, já que o vaqueiro, hoje, tem que abrir mão do seu cavalo e ser motoqueiro para conduzir os rebanhos, já que a violência no campo, no processo crescente da produção confinada já lhe tira a profissão e agora o Supremo Tribunal Federal se acha no direito de tirar o pão de cada dia da mesa daqueles que sustentam a economia de muito dos nossos municípios e que assim, com o trabalho, dignidade e respeito alimentam e mantêm suas famílias. (Palmas)

Vários depoimentos nós vivenciamos no dia de hoje. Faço uma solicitação aos proponentes desta sessão e também à Presidência da Mesa que encaminhem a cada um daqueles e daquelas que deram voto contrário os relatos e depoimentos que aqui foram apresentados e que a gente organize na Bahia uma grande manifestação no Ministério Público Estadual, porque é inaceitável que de forma cômoda, distante da realidade tente se pautar numa medida tomada intempestivamente sem conhecer a realidade e sem analisar as consequências.

Teremos que fazer um acampamento como esse que está aqui, na Assembleia Legislativa, com todas as famílias que ora estão prejudicadas. Quem sabe, sacrificar um boi, fazer um churrasco lá, na porta, e convidá-los para comer o churrasco, que é o que eles fazem nos finais de semana, é o que eles fazem nos seus eventos, é o que eles fazem quando conduzem as suas famílias para almoçar ou jantar fora, e vão às churrascarias. Mas não olham, Gilvan, que, com essa medida fria, estão também tirando o direito de famílias, neste nosso Estado e neste nosso País, de também poderem ter uma alimentação digna.

Por isso, este ato é um dos mais significativos que esta Casa está promovendo. Quero saudar e parabenizar os dois deputados proponentes desta sessão, não apenas pela convocação deste ato, mas pela disposição e pela coragem de trazer para esta Casa esse debate e essa discussão. E aqui ter a participação de toda a cadeia envolvida no contexto da vaquejada, das cavalgadas, das argolinhas. Aqui temos investidores, criadores, produtores, donos de parques e quem trabalha com a organização dos eventos; nós temos os vaqueiros, os comerciantes envolvidos com a prática das vaquejadas; temos também parlamentares.

Quero aproveitar para saudar a presença aqui do vereador de Pojuca, Moisés, eleito recentemente; do meu grande amigo defensor de vaquejadas, também vereador eleito na cidade de Simões Filho, e dizer da importância de termos aqui representações, porque esse debate, essa discussão, Gika, também tem que chegar às Câmaras de Vereadores, (palmas) tem também que envolver os executivos dos municípios e transformar, de fato, a vaquejada no maior patrimônio desta terra, deste Estado.

Eu não tenho dúvida alguma de que iremos reverter essa situação, de que iremos sair mais fortalecidos do que entramos, porque estamos dando a oportunidade

ao Supremo Tribunal Federal de conhecer a realidade do Nordeste, que eles desconhecem.

E em nome da vaquejada, em nome de homens e mulheres que no cotidiano das suas vidas se fazem presentes com dignidade, respeito e identidade, temos que dizer: vida longa à vaquejada! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Gostaria de convidar para fazer uso da palavra o prefeito da cidade de Juazeiro, Isaac Carvalho, representando todos os prefeitos aqui presentes.

**O Sr. ISAAC CARVALHO:-** Bom-dia a todos e a todas.

Quero cumprimentar os deputados na pessoa do presidente da Casa, deputado Marcelo Nilo, que também apoia a vaquejada; o senador Otto Alencar, que esteve aqui presente; o vice-governador e o nosso governador Rui Costa; e todos os deputados que estão juntos nessa força-tarefa; o deputado Gika; o deputado Adolfo, somos vizinhos na região do São Francisco; o deputado Leur; o deputado Bira Corôa, amigo, parceiro de Juazeiro também; enfim, todos os deputados que estão nessa luta.

Quero cumprimentar também todos os vaqueiros, amigos, colegas, e dizer que tenho muito orgulho porque estou terminando o segundo mandato como prefeito e fui eleito como prefeito vaqueiro. O cavalo e o boi vêm das minhas origens, de meus avós, bisavós. E, assim, a gente tem procurado dar sequência a essa tradição, a esse esporte, e que quem gosta de animais dificilmente vai esquecer.

E quem conviveu, como disse aqui, há pouco, Gilvan... Eu cumprimento Gilvan e cumprimento, na pessoa dele, todos os profissionais, todos os vaqueiros, cumprimentando também Valmir e Leonardo que aqui representam as entidades que representam o segmento; cumprimentando também o presidente da ADAB aqui presente; e todos os parceiros que estão envolvidos com essa causa.

Não vou-me alongar, até porque já foram feitos todos os relatos, dito todo o passo a passo, e quero dizer que a gente faz parte e vamos apoiar essa luta.

Quero cumprimentar a plateia em nome do vaqueiro... Cadê o Zé Grande? Foi ao caminhão selar o cavalo. Zé Grande é um exemplo de determinação, de garra, de vontade e de muita luta. Zé Grande que, por acidente, perdeu uma perna, mas nunca deixou o esporte, gosta, está sempre lá, por Juazeiro, também, de vez em quando. E na pessoa de Zé Grande cumprimento todos os vaqueiros na plateia.

Cumprimento também o prefeito eleito de Juazeiro, que está aqui, Paulo Bonfim, que também, com certeza, é um dos defensores. Cumprimento também os amigos que vieram lá de Casa Nova, Dr. Zé Brito, médico de profissão, mas vaqueiro por paixão; Voldi Alves, que está aqui também como um dos coordenadores do movimento em nossa região.

Então, muito obrigado a todos, e dizer que contem com a gente, contem com o Vale do São Francisco. A gente vai estar junto nessa causa, porque é muito importante. A vaquejada não só é um esporte, uma cultura, mas é também lazer,

geração de emprego e renda, e precisa, de fato, passar por ajustes, por regulamentações ainda mais rígidas, se necessário for, como já tem evoluído muito, mas precisa ser respeitada a tradição, a cultura, o esporte, a profissão.

Um abraço a todos, que Deus abençoe a todos nós. E, com certeza, em breve, estaremos correndo vaquejada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Antes de fazer o encerramento da sessão, gostaria de passar um vídeo, em torno de 5 minutos.

(Apresentação do vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, gostaríamos de agradecer a todos pela presença, e ao presidente da ADAB, que veio participar desta sessão especial. É muito importante o apoio de Marcos e de todo o corpo da ADAB nesse processo.

Agradeço também aos Srs. Deputados que se fizeram presentes a esta sessão.

Agradeço ao deputado Eduardo Salles e o parabenizo, e a de todos os coautores, pela iniciativa de realização desta sessão especial. Parabenizo também a atuação do deputado Adolfo Viana que, tem sido um baluarte na defesa da vaquejada no Estado da Bahia.

Em breves palavras, quero dizer que nós também estamos acompanhando de perto essa luta, essa defesa da vaquejada no Estado da Bahia. E muito mais, fazendo a esteira dos deputados Adolfo Viana e Eduardo Salles nessa luta, estivemos acompanhando lá, em Brasília, o movimento na Esplanada dos Ministérios, que chamou a atenção de toda a República e de todo o Congresso Nacional e, acredito, também do Supremo Tribunal Federal.

Dizer que amanhã, à tarde, irei a Brasília. Já tenho uma audiência marcada com o ministro Geddel Vieira Lima, que é secretário de Governo da Presidência da República, para solicitar celeridade junto ao presidente Michel Temer na sanção da lei aprovada no Senado Federal para que se possam tomar as medidas jurídicas cabíveis e reverter essa situação no Supremo Tribunal Federal.

Antes de fazer o encerramento, ouviremos o Hino da Bahia. Depois, convido a todos para que possamos tirar uma foto na rampa da Assembleia Legislativa da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Agradecendo a presença de todos, passo a palavra ao deputado Eduardo Salles, proponente da sessão, para o encerramento da sessão.

O Sr. Eduardo Salles:- Rapidamente, gostaria de terminar alguns agradecimentos que são importantes, não podemos esquecer de citar essas pessoas. Queria agradecer ao nosso querido delegado da Dirpin, Ricardo Brito, que foi fundamental na organização, no dia anterior ao movimento, ele foi a pessoa que conseguiu o Corpo de Bombeiros, ajeitou tudo para que esse movimento acontecesse.

Ele estava com a gente em Brasília, em todos os momentos, muito obrigado, Ricardo, por tudo. (Palmas) Queria agradecer a Guiga, Noé e a toda essa turma de vaqueiros e vaqueiras que, ontem, engrandeceram muito o evento com esses bois amestrados. Sem dúvida alguma, isso marcou em todas as redes de televisão. O nosso papel se concretizou, hoje, quando vimos o assunto estampado na primeira página de todos os jornais, em todos os *blogs*. As TVs também deram um grande espaço. Era esse o nosso objetivo, era isso que queríamos. Agradeço aos Encourados de Pedrão, que vieram juntos aqui, ao pessoal do Vale, Isaac, toda a turma veio junta aqui, Paulo Bonfim, todos aqui presentes, quero agradecer demais a todos vocês que fizeram acontecer. Gika, você foi demais, trouxe essa turma toda de Serrinha, 60 cavalos que vieram de Serrinha para mostrar a força de Serrinha aqui no evento; Valmir, Gilvan, ao presidente da ADAB – é importante a presença dele aqui, de Marco, que é uma pessoa que faz; eu, inclusive, participei várias vezes de prova do laço que ele fazia em Luís Eduardo Magalhães. Marco é uma pessoa também do meio rural e conhece bem isso, é importante que ele, à frente da ADAB, represente aqui o secretário da Agricultura, Vítor Bonfim, que não conseguiu chegar, para mostrar que a ADAB está conosco. Ela é educativa, não é punitiva. Quando fui secretário da Agricultura, tentei sempre passar essa imagem. É importante a ADAB estar ao nosso lado em todos os momentos.

Quero agradecer ao nosso querido deputado Adolfo Viana, que foi a pessoa que, em todos os momentos, desde lá atrás, começou essa batalha, porque quando ele transformou a vaquejada em patrimônio imaterial, sem dúvida foi o primeiro passo, um passo importantíssimo, como foi dito aqui. Agradeço ao deputado Leur, que tem uma história de vida, todos da família dele são ligados a nós aqui; Isaac, quero agradecer demais a você, agradecer a você, Leonardo, você foi demais, com toda essa turma aí fez a diferença, as cavalgadas da Bahia presentes. Gika está me lembrando de agradecer aos veterinários, locutores, a todos os vaqueiros, ao aboiador Valmir, a toda essa turma, Hernandes Medrado, que veio também de lá; quero agradecer ao nosso vice-governador João Leão, que tem toda uma história ligada ao sertão e que veio aqui prestigiar; ao senador Otto Alencar; e ao presidente desta Casa, Marcelo Nilo.

E quero passar a vocês uma sugestão do deputado Adolfo Viana e colocada aqui por Valmir: cabe a nós agora, neste segundo momento – já pedi uma audiência –, irmos à presidente do Tribunal de Justiça, com uma comissão de deputados, uma comissão também dos representantes, para explicitar o que aconteceu neste dia, mostrar um vídeo com alguns depoimentos e entregar a ela, aos colegas dela também. Estivemos também com o Ministério Público, a procuradora-geral nos recebeu muito bem, ela entende perfeitamente a nossa condição, deputado Adolfo, e acho que podemos marcar outra ida com a comissão de deputados para sensibilizar, neste momento, para que tenhamos realmente a condição de fazer esse esporte... como você disse, deputado Adolfo, podermos trabalhar até uma decisão final do Supremo, aí ninguém vai contra a lei do Supremo. Se o Supremo definir, teremos que reverter, o deputado Leur se comprometeu a conversar com o ministro Geddel Vieira Lima para



que, o mais rapidamente possível, seja sancionada essa lei que foi aprovada pelo Senado Federal para que a gente comece a ter uma estabilidade jurídica nas nossas ações.

Esta semana, só para vocês saberem, o advogado Carvalhal entrou com um recurso da decisão de um juiz contra a vaquejada de Berimbau, e no dia de hoje deve estar sendo sorteado um desembargador que julgará nossa causa em segunda instância. Também é muito importante que todos nós que conheçamos esse desembargador e os demais desembargadores do tribunal os sensibilizemos para a importância de continuar mantendo o nosso esporte até que tenhamos uma decisão final do Supremo Tribunal Federal.

Agradeço a todos, deixo um grande abraço e convido a todos para tirarmos uma foto aqui na rampa para marcarmos este momento histórico, sem dúvida, para esta Casa e para o Estado da Bahia.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Agradecendo a presença de todos, declaro encerrada a presente sessão.

Viva a vaquejada!

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.*

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.*